

Mitsuko Uchida



GULBENKIAN
MÚSICA

15 JANEIRO 2017



gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Mitsuko Uchida Piano

Wolfgang Amadeus Mozart

Sonata para Piano n.º 16, em Dó maior,
K. 545

Allegro

Andante

Rondo: Allegretto

Sehr aufgeregt (Muito agitado)

Sehr langsam (Muito lento)

Sehr lebhaft (Muito vivo)

Sehr langsam (Muito lento)

Sehr rasch (Muito rápido)

Schnell und spielend (Rápido e brincalhão)

INTERVALO

Robert Schumann

Kreisleriana, op. 16

Äusserst bewegt (Agitadíssimo)

Sehr innig und nicht zu rasch (Muito expressivo e moderado)

Intermezzo I: Sehr lebhaft (Muito vivo) — *Tempo I*

Intermezzo II: Etwas bewegter (Mais animado)

Fantasia em Dó maior, op. 17

Durchaus phantastisch und leidenschaftlich vorzutragen

(Tocar sempre de um modo fantástico e apaixonado)

Mässig. Durchaus energisch (Moderado. Enérgico)

Langsam getragen (Lento e cerimonioso)

Duração total prevista: c. 1h 45 min.

Intervalo de 20 min.

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756

Viena, 5 de dezembro de 1791

Sonata para Piano n.º 16, em Dó maior, K. 545

COMPOSIÇÃO: 1788

DURAÇÃO: c. 13 min.



W. A. MOZART © DR

Após a conclusão da Sonata em Si bemol maior, K. 333, em outubro de 1778, decorreria um longo hiato de seis anos antes de Wolfgang Amadeus Mozart voltar a contemplar o género da sonata para piano. Já estabelecido em Viena, o compositor encetou aquele que é o corpus derradeiro das suas sonatas para piano, constituído pelas Sonatas K. 457 (em Dó menor), K. 533 (em Fá maior), K. 545 (em Dó maior), K. 570 (em Si bemol maior) e K. 576 (em Ré maior). Rendido ao pianoforte e em particular aos instrumentos do construtor Johann Andreas Stein (1728-1792), Mozart concluiu a sua Sonata em Dó maior, K. 545, a 16 de junho de 1788, numa fase marcada pela aura de três grandes sinfonias: a Sinfonia em Mi bemol maior, K. 543, e as Sinfonias em Sol menor, K. 550, e em Dó maior, K. 551, *Júpiter*. Apesar disso, como que a esboçar um gesto calculado de distanciação face à escala massiva desta produção sinfónica, o compositor confere à Sonata K. 545 uma dimensão leve e radiosa que a identifica com os ventos do estilo galante projetados no ambiente intimista da *Hausmusik*. No autógrafa ficou a indicação *für Anfänger* (“para principiantes”), a qual deu

azo à alcunha “Sonata fácil”, pela qual ficou conhecida, muito embora o grau das exigências técnicas e expressivas necessárias à sua interpretação sejam, de facto, bastante elevadas. No primeiro andamento, *Allegro*, ficam patentes, desde logo, as rápidas volutas ascendentes e descendentes sobre o baixo de Alberti – expediente forjado pelo compositor italiano Domenico Alberti (c.1710-1740) durante o período Barroco, mas somente generalizado a partir da época pré-clássica como componente de uma estética musical centrada na expressividade melódica. É também sobre o apoio harmónico e rítmico trazido pelo baixo de Alberti que evolui o andamento central, *Andante*, momento de intimismo sereno, muito subtilmente pontuado por hesitações pueris, a desvelar a descoberta paulatina de sentimentos e emoções profundos. No último andamento, *Rondo: Allegretto* o compositor faz uso de uma forma de sonata-rondó, na qual alterna o animado refrão inicial com as coplas de perfil harmónico mais variado.

RUI CABRAL LOPES

Robert Schumann

Zwickau (Saxónia), 8 de junho de 1810

Endenich, 29 de julho de 1856

Kreisleriana, op. 16

COMPOSIÇÃO: 1838

DURAÇÃO: c. 30 min.

Fantasia em Dó Maior, op. 17

COMPOSIÇÃO: 1836

DURAÇÃO: c. 30 min.

Um dos pontos altos da produção musical de Robert Schumann foi alcançado com a composição de *Kreisleriana* op. 16, um conjunto de oito fantasias compostas em abril de 1838. Sucedendo a *Kinderszenen* (“Cenas Infantis”) op. 15, partilha o mesmo elemento sentimental, a relação amorosa de Robert Schumann com Clara Wieck, sua futura mulher. Profundamente expressiva na sua linguagem, *Kreisleriana* é uma obra que encarna os conflitos existenciais típicos do homem romântico, reforçados, neste caso, pela vivência de uma luta apaixonada pela sua amada Clara: “Esperei três bonitos dias de primavera pela tua carta. Depois de chegar e em apenas quatro dias, escrevi *Kreisleriana*. Um mundo completamente novo foi-me dado a conhecer (...). O meu pensamento em ti domina-as completamente (...). A minha música parece-me agora maravilhosamente realizada, tão simples e vinda diretamente do coração. Música bizarra, música solene (...) sinto-me frequentemente explodir pela força da música.” Ao longo das oito peças encadeadas, *Kreisleriana* contem um acentuado cunho autobiográfico – dissimulado sob a referência



KREISLERIANA, OP. 16, LEIPZIG, B.&H., 1885 © DR

a Johannes Kreisler, um personagem criado pelo romancista e dramaturgo E. T. A. Hoffmann – simbolizando o músico romântico e fantasista, em conflito constante com a sociedade e com os detratores da estética musical moderna. Perfil que inevitavelmente agradaria a Schumann, o qual dedicou a Chopin esta obra atormentada, fantástica e intimamente subjetiva e onde coexistem o fantástico, o grotesco, o afetuoso e o apaixonado. Aquela que Schumann consideraria ser a sua melhor composição, dificilmente permite que as oito peças que a constituem sejam tocadas separadamente, sendo esta característica indicativa da unidade global da obra. Esta é atravessada por episódios que contrariam o seu clima geral, transmitindo esta construção, "em rotura" com a normal fluência do discurso, um vincado estado de instabilidade emocional.

Iniciada em 1836, a Fantasia op. 17 foi concebida no início da fase emocionalmente mais crítica da vida de Schumann, a qual resultou da sua paixão por Clara Wieck e da relação conflituosa que o compositor estabeleceu com



ROBERT SCHUMANN © DR

o seu mestre Friedrich Wieck, pai de Clara. Afastando Schumann da sua filha durante largos meses, Friedrich Wieck levaria o compositor à imersão num estado emocional inconstante, oscilando entre momentos de aparente calma e o afundamento numa total angústia e num desespero que o impediam inclusivamente de trabalhar. "Longo grito de amor", como Schumann se lhe refere, a Fantasia op. 17 é bem o espelho de um estado afetivo tumultuoso. Apesar de ter sido escrita nestas circunstâncias, a obra foi inicialmente concebida por Schumann como uma Grande Sonata para Piano, sob o título *Ruínas, Troféus, Palmas*, cujo produto de venda reverteria a favor da construção de um monumento erigido à memória de Beethoven. Este título seria mais tarde alterado para *Óbolo em três partes: Ruínas, Arco do Triunfo, Constelações*, antes de surgir na sua forma definitiva, sob a designação de *Fantasia*. Na sua Fantasia op. 17, Schumann define, no seio de um desenho formal de grande arquitetura, um equilíbrio que, à maneira beethoveniana, se caracteriza sobretudo pela intromissão de pontos de rutura, perfeitamente harmonizados dentro da lógica de construção. Testemunho profundo da admiração de Schumann por Liszt e da convicção de que este era, na altura,

um dos poucos pianistas capazes de tocar convenientemente as últimas sonatas de Beethoven, a obra foi-lhe dedicada. Mais tarde, seria o próprio Liszt quem, retribuindo o gesto, dedicaria a Schumann a sua magistral Sonata em Si menor (1853).

Estruturada em três andamentos, com um episódio lento entre o primeiro e o segundo, a Fantasia op.17 é poética e meditativa. O primeiro andamento, que Schumann caracterizou como um "profundo lamento" (por Clara), expõe na primeira parte dois temas que se desenvolvem e transformam fluidamente, dando a impressão de que apenas existe uma única e imensa frase musical. O segundo andamento exhibe o caráter de uma marcha triunfal onde a tensão cresce progressivamente, remetendo para o triunfo beethoveniano. A obra termina com um andamento sereno e luminoso, com reflexos de uma alegria longínqua, sendo aquele que melhor traduz musicalmente a misteriosa epígrafe do escritor Friedrich Schlegel, que Schumann escolheu para cabeçalho da obra: "Através de todos os sons, perpassa, no sonho da terra matizada, um som só perceptível àquele que escuta em segredo."

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

Mitsuko Uchida

Piano



MITSUKO UCHIDA © DECCA – JUSTIN PUMFREY

Naturalizada inglesa, Mitsuko Uchida nasceu em Atami, perto de Tóquio, mas viveu a sua juventude na Áustria, tendo estudado na Academia de Música de Viena. Depois de vencer o Concurso Beethoven (Viena, 1969) e de receber o 2.º prémio no Concurso de Piano de Leeds (1975), seria sucessivamente aclamada e premiada pelas suas interpretações de Mozart, Schubert, Schumann e Beethoven. Ao longo da sua carreira, estenderia o seu repertório às obras de Berg, Webern, Schönberg e Boulez, contribuindo para a valorização da música destes compositores.

Em 2016 foi nomeada Artista Associada da Mahler Chamber Orchestra, tendo já iniciado uma série de concertos na Europa e no Japão, dirigindo os concertos de Mozart a partir do piano. Em 2017 a sua agenda inclui um ciclo dedicado às sonatas de Schubert, que apresentará na Europa e nos Estados Unidos da América. Estão também previstas atuações nos Festivais de Salzburgo e de Edimburgo e, entre outros, concertos com a Filarmónica de

Berlim e o maestro Simon Rattle, a Sinfónica de Chicago e Riccardo Muti e a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia e Antonio Pappano. Regressa também ao Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, onde se apresentou em recital, pela última vez, em novembro de 2014. Mitsuko Uchida grava em exclusivo para a Decca, incluindo a sua extensa discografia os ciclos integrais das sonatas de Mozart e Schubert. Destaque-se ainda a gravação ao vivo dos concertos de Mozart, com a Orquestra de Cleveland, uma série que mereceu a atribuição de um *Grammy* em 2011. Mitsuko Uchida é diretora do Festival de Música de Marlboro e uma das promotoras do Borletti-Buitoni Trust. Em 2009 recebeu o título de Comendadora da Ordem do Império Britânico. Em 2012 foi-lhe atribuída a Medalha de Ouro da Royal Philharmonic Society e em 2014 foi-lhe atribuído um doutoramento honorário da Universidade de Cambridge. Em 2015 recebeu a Medalha Mozart de Ouro e o *Premium Imperiale* da Associação das Artes do Japão.

22 Janeiro

DOMINGO, 16:00 / 20:00

Maratona Mozart

Cuarteto Casals



GULBENKIAN
MÚSICA



CUARTETO CASALS © MOLINA VISUALS

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Apoiar a cultura

pwc

A PwC, enquanto Mecenas do Ciclo de Piano da Temporada Gulbenkian Música, tem honra em apoiar a cultura, incentivando a divulgação da música clássica.



Conheça-nos melhor
em www.pwc.pt



/pwc.pt



/company/pwc-portugal

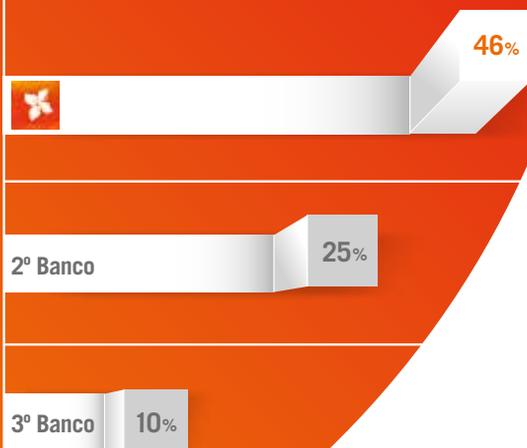
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Seleções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Janeiro 2017

